

A CASA

cinemateca

março
abril
maio
2026

A CASA

Março

"...but a room is not a house / and a house is not a home..."

Burt Bacharach/Hal David

A casa no cinema, as casas no cinema, num ciclo em três partes que apresentaremos ao longo de março, abril e maio. Não é um ciclo sobre arquitetura (que já fizemos, em extensão, e por mais do que uma vez), embora por inerência ela não seja excluída, porque fatalmente, filmando casas, o cinema lança sempre um olhar sobre as formas arquitetónicas (e em certos casos, inventa-as, constrói-as de raiz, cria uma arquitetura para o cinema, como no exemplo flagrante do LADIES' MAN de Jerry Lewis). É um ciclo sobre outra coisa, a casa como entidade narrativa, a casa dotada de uma *anima* de personagem não-humana, a casa como depósito de atributos simbólicos, que podem ser lineares mas também podem chocar entre si e criar uma contradição infinita – "a estrutura dupla e dúplice" de que fala João Bénard da Costa a propósito do REBECCA de Hitchcock, porventura o máximo filme sobre casas-personagem, casas *animadas*, e por isso o filme de abertura do nosso ciclo, para dar o mote.

Há as casas da ficção e as casas reais (sem jogo de palavras, não se trata minimamente de ir às casas da realeza). Das casas reais, das casas autênticas, trataremos na segunda parte, em abril, com um conjunto de filmes em que os realizadores viraram a câmara para o lado de dentro da janela e em vez da rua filmaram a sua própria casa – sem serem propriamente "home movies", ou sendo-o de uma forma especial (como aqueles últimos filmes de Jean-Claude Brisseau em que ele, sem dinheiro para uma produção cheia de "set design", usou a realidade da sua casa para aí instalar as mais delirantes ficções).

Mas sobre isto, mais em abril. Para já, as casas da ficção – muitas delas, casas de existência prévia que foram tomadas, transformadas, modificadas pelo olhar da ficção e trazidas para o território do cinema (um exemplo maior: a Villa Malaparte no MÉPRIS de Godard). As casas muito antigas que testemunham a decadência do mundo que as construiu (JALSAGHAR), as casas muito novas que testemunham outro tipo de decadência, mais instantâneo, trazido pela "modernidade" (MON ONCLE); as casas que, de Chaplin a Blake Edwards, são uma sucessão de obstáculos, e as casas, como as de Rozier (DU COTÉ D'OROUËT), que são um espaço desimpedido, o cenário para a alegria e o prazer mais descomprometidos; as casas-refúgio que é preciso defender contra todo o tipo de invasores (JOHNNY GUITAR), e as casas-prisão de que é preciso evadir-se (EL ÁNGEL EXTERMINADOR); as casas que são uma garantia contra a destruição (PO ZAKONU) e a casas que é preciso destruir (SAUTE MA VILLE). Idealmente, cada um destes filmes traz um "projeto" de casa *diferente*. E a estas diferenças voltaremos nos próximos meses.

Abril

Esta segunda parte de A CASA mostra o que acontece quando os cineastas voltam a câmara "para dentro"; não para o mundo em redor, mas para o interior, para a sua própria casa. Por acaso, será mesmo um filme português o exemplo maior e mais absoluto deste movimento para o interior: VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES, o filme "póstumo" de Manoel de Oliveira, construído como um olhar sobre a casa em que viveu durante décadas no momento em que teve que a vender. Outros cineastas filmaram os seus redutos domésticos, muitas de forma indissociável de um registo ou de uma investigação sobre a família – casos de Sacha Guitry, de Martin Scorsese, de Marco Bellocchio, de Chantal Akerman – mas de uma forma que é sempre "única", movida por preocupações precisas, e precisa portanto de ser "inventada" a cada momento (e é por isso que todos estes vários filmes, partindo de um princípio mais ou menos comum entre eles, resultam em objetos completamente distintos uns dos outros). Quase sempre, em termos de "género", estes filmes se aproximam do "documentário", porque afinal de contas o espaço doméstico é uma realidade tão poderosa que repele qualquer ideia de falsificação. Mas o que acontece quando a ficção se instala "em casa"? Isso é o que se vê, caso quase único na história do cinema, nos derradeiros filmes de Jean-Claude Brisseau (mostramos o último, QUE LE DIABLE NOUS EMPORTE, que o diabo nos carregue), em que a sua casa se transformou num estúdio e a mais delirante e sobrenatural ficção veio habitar a sua sala de estar, o seu escritório, jogar-se com os seus objectos quotidianos, as suas estantes de livros, as suas prateleiras de DVDs.
Em maio, teremos uma terceira (e última) parte deste ciclo.

Maio

Terceira parte do ciclo "A Casa", ao mesmo tempo uma revisão, uma expansão, e a abertura de caminhos que não serão seguidos, e a partir daí uma espécie de convite ao caos: eis um conjunto de pistas, eventualmente até contraditórias, para o vastíssimo território coberto por este universo temático. Objetivamente, convocamos mais o documentário do que nas partes anteriores, com vários exemplos do que pode ser filmar, documentalmente, casas concretas e ideias de casa. Também objetivamente, vamos atrás de filmes contemporâneos, produções muito recentes de autores na maioria ainda em atividade – uma forma de confirmar que "a casa" continua a funcionar e a ser adotada como estratégia dramatúrgica, mas igualmente como repositório de propriedades simbólicas que nos mostram não tanto o que temos hoje a dizer sobre as casas mas sobretudo o que é que as casas nos dizem, neste tempo e sobre este nosso tempo em que a dimensão política da casa – ter uma casa, não ter uma casa – talvez seja mais evidente do que alguma vez foi. E, terceira linha objetiva, vamos mais no encalço do cinema português: Rita Azevedo Gomes, Pedro Costa, João Pedro Rodrigues, João Mário Grilo (sem esquecer a curta sueca de Solveig Nordlund).

Mas acima de tudo, esta terceira parte pretende-se menos um "fecho" do que uma "coda", um sinal de que poderíamos continuar, ad aeternum, às voltas com as casas do cinema, porque, também no cinema, there's no place like home.

março

Terça-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

REBECCA

Rebecca
de Alfred Hitchcock
com Laurence Olivier, Joan Fontaine, Judith Anderson, George Sanders

Estados Unidos, 1940 – 130 min / legendado em português | M/12

REBECCA marca a chegada triunfal de Alfred Hitchcock a Hollywood, já consagrado e com cerca de quinze anos de carreira na Grã-Bretanha. Hitchcock declarou, por sinal, a Truffaut, que achava o filme "demasiado britânico", pois tanto a autora do romance (Daphne du Maurier) como o ator principal (Olivier) eram britânicos. Romance e filme têm finais bastante diferentes. Trata-se de umas das obras maiores de Hitchcock, a história de uma mulher frágil que se casa com um homem de uma condição social muito mais elevada e vai viver numa mansão, sobre a qual pairam a sombra sinistra da governanta e a lembrança de Rebecca, a primeira mulher do marido. Na personagem, sem nome próprio, da segunda mulher, jovem e vulnerável, Joan Fontaine no seu mais icónico papel. "O segredo da perdurabilidade deste filme fascinante está na sua estrutura dupla e dúplice, tanto quanto na sua estrutura mítica e onírica" (João Bénard da Costa). A exibir em 35 mm.

Terça-feira [03] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SECRET BEYOND THE DOOR

O Segredo da Porta Fechada
de Fritz Lang
com Michael Redgrave, Joan Bennett, Anne Revere, Barbara O'Neil

Estados Unidos, 1948 – 98 min / legendado em português | M/12

Um dos mais rigorosos filmes de Fritz Lang em Hollywood, construído como um mecanismo de relógio ou como um desenho arquitetónico. A prodigiosa sequência dos quartos, na qual a perturbação é introduzida por uma quebra de simetria, reflete também um universo mental em que o desequilíbrio se instala. Na década da psicanálise no cinema americano, SECRET BEYOND THE DOOR é o filme onde ela tem mais importância, sendo também aquele em que menos se faz sentir. "É um dos mais fascinantes, encantatórios e complexos filmes de Fritz Lang, uma das suas grandes obras-primas, ou seja, uma das grandes obras-primas da História do Cinema" (João Bénard da Costa). A exibir em 35 mm.







Quarta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

PO ZAKONU

"Dura Lex"
de Lev Kulechov
com Aleksandra Khokhlova, Serguei Komarov, Vladimir Fogel

URSS, 1926 – 80 min / mudo, intertítulos em russo traduzidos eletronicamente em português

Sessão de dia 04 com acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva

Autor, entre outros, de "AS AVENTURAS DE MR. WEST NO PAÍS DOS BOLCHEVIQUES", Kulechov é um dos grandes nomes do cinema soviético mudo e foi um dos grandes teóricos da montagem, embora o seu cinema em nada se assemelhe ao de Eisenstein ou ao de Vertov, outros mestres da montagem da vanguarda soviética. Baseado numa história de Jack London, PO ZAKONU, é uma obra-prima da articulação visual, de montagem e de direcção de actores, e narra a história de dois homens e uma mulher isolados do mundo (no Klondyke, durante a corrida ao ouro). A casa em que vivem é filmada como um último vestígio da civilização, última defesa diante da dissolução moral e civilizacional.

Quarta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA BANDE DES QUATRE

O Bando das Quatro

de Jacques Rivette
com Bulle Ogier, Benoit Régent, Inês de Medeiros

França, 1988 – 160 min
legendado eletronicamente em português| M/12

Teatro, conspirações, segredos – LA BANDE DES QUATRE desenvolve-se como "súmula" absolutamente *rivettiana*. Quatro amigas, alunas da mesma escola de teatro, e os encontros com um estranho que as avisa do perigo que corre uma quinta rapariga, colega delas. Visto de hoje, LA BANDE DES QUATRE é um filme que faz a ponte entre o Rivette austero e "ensaístico" dos anos 1970 e 80, e o dos anos 90, um pouco mais claro e mais fluidamente narrativo. É algo a que não será alheio o par de argumentistas formado por Christine Laurent e Pascal Bonitzer, doravante colaboradores frequentes de Rivette.

Quinta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MON ONCLE

O Meu Tio

de Jacques Tati
com Jacques Tati, Jean-Pierre Zola, Adrienne Servantie

França, 1956 – 115 min / legendado em português | M/12

Talvez o mais célebre filme de Tati, protagonizado pelo alter ego do realizador, o Sr. Hulot. MON ONCLE é uma sátira, ligeiramente passadista, da vida moderna, com particular incidência na arquitectura, o que suscita gags hilariantes numa mansão ultra-moderna e pouco prática, onde se passa grande parte da acção. Incapaz de se adaptar aos novos tempos, Hulot também fracassará no trabalho. A banda sonora, um prodigioso emaranhado de ruídos e trechos de diálogos, torna quase desnecessária a compreensão da palavra.







Quinta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PARTY

A Festa

de Blake Edwards
com Peter Sellers, Claudine Longet, Marge Champion

Estados Unidos, 1968 – 99 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Hrundi V. Baksh (Peter Sellers) é um desastrado ator indiano que destrói acidentalmente um grande estúdio. Convidado por engano para uma festa na casa do produtor, Bakshi estará no centro de inúmeras confusões. Obra hilariante próxima da genialidade, é considerada por muitos como o melhor filme de Edwards e o melhor filme de Sellers, que aqui se revela como um dos grandes mestres da comédia de todos os tempos.

Sexta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeir

ONE A.M.

Charlot Boémio

de Charles Chaplin
com Charles Chaplin, Albert Austin

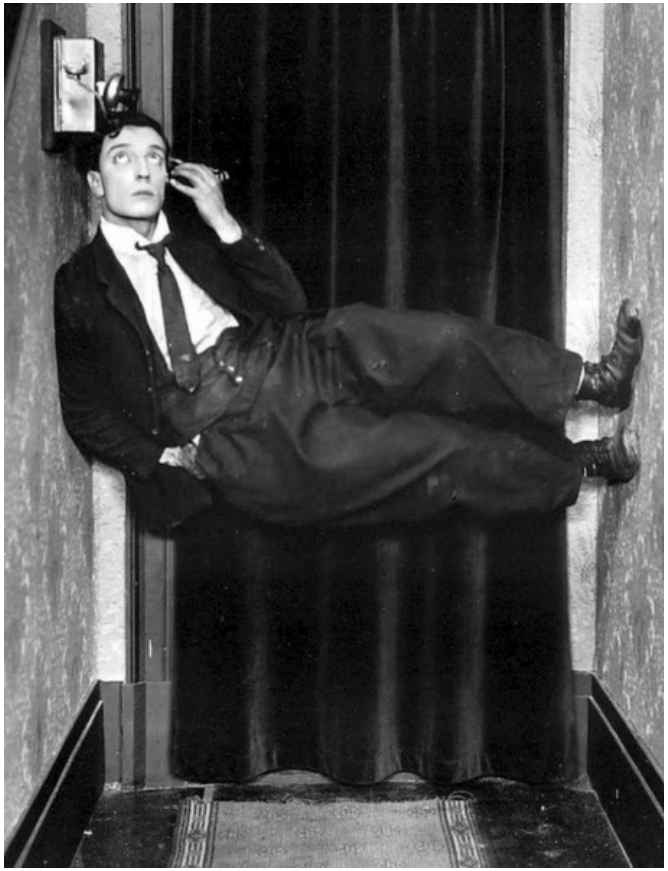
Estados Unidos, 1917 – 17 min
mudo, com intertítulos em português

THE ELECTRIC HOUSE

Pamplinas na Casa Eléctrica

de Buster Keaton e Edward F. Cline
com Buster Keaton, Virgínia Fox, Joe Keaton

Estados Unidos, 1922 – 26 min
mudo, intertítulos em francês e flamengo





SAUTE MA VILLE
de Chantal Akerman
com Chantal Akerman

Bélgica, 1968 – 13 min / sem diálogos
Duração total da projeção: 56 min | M/12

ONE A.M. é um dos títulos do período em que Chaplin foi produzido pela Mutual. A personagem de Chaplin é um burguês que volta de uma noitada: sozinho no ecrã durante praticamente todo o filme, debate-se com os objetos que o cercam. Em THE ELECTRIC HOUSE, Keaton tem como missão equipar uma casa com todos os confortos proporcionados pela electricidade, trabalho entretanto sabotado. SAUTE MA VILLE – um filme onde a comédia herdeira do mudo encontra a tragédia – é a primeira obra de Akerman; foi filmado na Bélgica e interpretado por ela própria no registo burlesco que fixa uma rapariga assaltada por um verdadeiro frenesim doméstico que deriva no mais puro absurdo. Akerman referiu ONE A.M. como uma influência para SAUTE MA VILLE, portanto esta sessão é um pouco como um "loop" em que o fim reencontra o princípio, e assim sucessivamente.
A exibir em 35 mm.

Sexta-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DOM NA TRUBNOI
"A Casa na Praça Trubnaia"
de Boris Barnet
com Vera Maretskaia, Vladimir Fogel, Elena Tiapkina

URSS, 1928 – 86 min / mudo, intertítulos em russo legendados em francês e eletronicamente em português | M/12

Sessão de dia 27 com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo

DOM NA TRUBNOI é uma sátira à hipocrisia da pequena burguesia, que sobrevivera na URSS à Revolução e que continuava, sorrateiramente, a explorar os necessitados. Mas aí está o sindicato vigilante para pôr as coisas em ordem. Uma das obras-primas de Barnet, o mais surpreendente realizador do cinema mudo soviético. E planos de antologia na sua obra, como os iniciais de uma alvorada nas ruas de Moscovo e de apresentação da praça Trubnaia com as casas comunais, filmadas num corte transversal que capta em simultâneo diversos movimentos e ações em diferentes patamares, apartamentos, personagens. A exibir em 35 mm.

Segunda-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JALSAGHAR
O Salão de Música
de Satyajit Ray
com Chabi Biswas, Padma Devi, Gangapada Basu

Índia, 1959 – 98 min / legendado em português | M/12

O SALÃO DE MÚSICA é um dos filmes mais belos e célebres do grande mestre indiano e foi também o filme através do qual toda uma geração de espectadores europeus o descobriu. Realizado

com o habitual requinte de Ray nesta fase da sua obra, o filme conta a história de um aristocrata sem descendência, que desbarata a fortuna realizando sumptuosos espetáculos musicais. À beira da ruína, prepara uma derradeira soirée, destinada a ultrapassar em extravagância todas as anteriores. Uma das imagens mais inesquecíveis da história do cinema: a do deslumbrante candeeiro do salão de música refletido no copo do aristocrata caído em desgraça. É o seu "Rosebud".

Segunda-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeir

JOHNNY GUITAR

Johnny Guitar

de Nicholas Ray
com Joan Crawford, Sterling Hayden, Mercedes McCambridge, Scott Brady, Ward Bond

Estados Unidos, 1954 – 108 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos westerns maiores da História do cinema, de cores agressivas e imagens barrocas (as fabulosas cenas de Joan Crawford no interior do saloon, o cenário deste com os fantomáticos croupiers e a roleta a rodar). Um filme "onde os cowboys desmaiam e morrem com a graça das bailarinas" (Truffaut). E um "duelo" sem tréguas entre as fabulosas Vienna (Crawford) e Emma (McCambridge). "Rever as imagens do JOHNNY GUITAR é rever a recordação delas. Para quem o vê pela primeira vez, é ainda de rever que se trata. Porque todas as personagens não fazem outra coisa. [...] JOHNNY GUITAR é um filme construído em flashback sobre uma imensa elipse? Ou é uma imensa elipse construída sobre um flash que não pode come back? Ou será que é tudo a mesma coisa?" (João Bénard da Costa). A exibir em 35 mm.

Terça-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

IL BACIO DI TOSCA

"O Beijo de Tosca"

de Daniel Schmid
com Sara Scuderi, Leonida Bellon, Giulietta Simionato

Suíça, 1984 – 88 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Ao morrer quase nonagenário, rico e sem herdeiros, em 1901, Giuseppe Verdi deixou parte da sua fortuna e todos os direitos de autor para a construção e a manutenção de um lar para antigos cantores, a Casa Verdi, em Milão. Este lar e os seus habitantes são o objeto deste filme de Daniel Schmid, um documentário com momentos altamente teatrais. Uma admirável homenagem à ópera, num filme ao mesmo tempo corrosivo e comovente.

Quarta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

AGATHA OU LES LECTURES ILIMITÉS

de Marguerite Duras
com Bulle Ogier, Yann Andréa
vozes de Marguerite Duras, Yann Andréa

França, 1981 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Esta é a história de um amor impossível entre Agatha e o seu irmão. As suas vozes evocam a descoberta dessa paixão interdita, a vida que os separou, e o profundo desejo de se reencontrarem. Um filme sobre o incesto que, como é hábito no singular cinema de Marguerite Duras, dá menos a ver que a ouvir. Como sempre em Duras, as grandes casas vazias, ou impregnadas de um sentimento de ausência, são um motivo fundamental.







Quarta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina
Sábado [21] 16h00 | Sala Luís de Pina

DU CÔTÉ D'OROUËT

As Praias de Orouet

de Jacques Rozier
com Danièle Croisy, Françoise Guégan, Caroline Cartier, Bernard Menez, Patrick Verde

França, 1969 – 138 min / legendado em português | M/12

Posterior em seis anos a ADIEU PHILIPPINE, a segunda longa-metragem para cinema de Jacques Rozier foi o seu primeiro filme com som direto. Numa descrição brevíssima que lhe passa ao lado, é o filme em que três raparigas estão em férias de verão à beira-mar. Rodado em 16 mm, especialmente atento aos exteriores do cenário marítimo e às cores fortes que casam com o mar, a casa, a juventude das raparigas e dos rapazes, DU CÔTÉ D'OROUËT propõe uma crónica sentimental ao correr dos dias. Foi mostrado em Cannes em 1971 e circulou discretamente por essa altura, mas só estreou verdadeiramente em Paris, em 1996, em 35 mm, quase trinta anos depois ter sido concluído. "Com o tempo [DU CÔTÉ D'OROUËT] ganha uma dimensão "à procura do tempo perdido'", disse Jacques Rozier. E ganha.

Sexta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LADIES' MAN

O Homem das Mulheres

de Jerry Lewis
com Jerry Lewis, Lillian Briggs, Helen Traubel, Kathleen Freeman, George Raft

Estados Unidos, 1961 – 95 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Como já se vira em THE BELLBOY, o tratamento e a exploração do décor eram elementos fundamentais para Jerry Lewis. Em THE LADIES' MAN, segundo filme como realizador e uma das suas obras-primas, essa preocupação foi levada ao extremo com a construção de uma enorme "casa de bonecas" (com quarenta quartos), cenário único do filme, e onde Jerry é o único homem. É porventura o mais espetacular dos seus filmes, e aquele que, na relação entre Jerry e as mulheres, mais fundo vai na encenação de uma espécie de "autopsicanálise", outro elemento subjacente ao essencial da sua obra.







Sexta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE SERVANT

O Criado

de Joseph Losey
com Dirk Bogarde, James Fox, Sarah Miles, Catherine Lacey

Reino Unido, 1963 – 115 min / legendado em português | M/12

O mais famoso filme inglês de Joseph Losey, adaptado do romance de Robin Maugham, sobre um jovem aristocrata que regressa da Índia para ocupar a sua mansão londrina e acaba joguete de um criado corrupto e vicioso, numa inversão que é uma metáfora sobre a luta de classes. Losey, amante confesso do uso dos espelhos, filma a intrusão do criado com recurso a estes objetos, que assim ocupa o intervalo dos planos e se inscreve literalmente entre o casal em questão, quando os espelhos que o refletem dominam frequentemente o quadro.



Segunda-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE MÉPRIS

O Desprezo

de Jean-Luc Godard
com Brigitte Bardot, Michel Piccoli, Jack Palance, Fritz Lang

França, Itália, 1963 – 103 min / legendado em português | M/12

Vagamente inspirado no romance homónimo de Moravia, LE MÉPRIS constrói-se em torno de uma reflexão sobre o cinema, onde "um travelling é uma questão de moral". É também uma homenagem ao cinema clássico, com a presença de Fritz Lang no papel de um artista imperturbavelmente resistente ao comercialismo reinante no mundo cinematográfico. Jean-Luc Godard tem uma aparição discreta como assistente de realização de Lang na produção desse filme que parte de Homero e que se desenvolve num cenário mediterrânico, traçando um paralelo entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens.

Terça-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LOST HIGHWAY

Estrada Perdida

de David Lynch
com Bill Pullman, Patrícia Arquette, Balthazar Getty, Robert Blake

Estados Unidos, França, 1997 – 134 min
legendado em português | M/18

Um dos mais intrigantes e bizarros filmes de David Lynch, marcado por duas histórias que se completam, ao mesmo tempo que se prolongam infinitamente, sendo cada uma delas "eco" e "reflexo" da outra. A intriga ronda a personagem de um músico de jazz, que julga ser enganado pela mulher e se vê subitamente suspeito da morte dela. Dispensando decifrações, é um filme de abismos e vertigens que obrigam, sempre, a seguir em frente. A canção da inolvidável sequência de abertura, estrada fora, e que "serve" todo o filme, é de David Bowie (escrita por ele e Brian Eno em 1995): *I'm Deranged*.

Quarta-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL SOL DEL MEMBRILLO

O Sonho da Luz / O Sol do Marmeleiro

de Víctor Erice
com Antonio López, Maria Moreno, Enrique Gran

Espanha, 1992 – 139 min / legendado em português | M/12

Um dos grandes filmes do cinema dos anos noventa. Víctor Erice acompanha o pintor Antonio López ao longo do processo de conceção de um quadro, partindo daí para uma reflexão não só sobre a pintura e o cinema, mas essencialmente sobre a sua relação com as coisas, com a natureza e os homens. Uma obra-prima absolutamente indispensável que assinala a relação única da Cinemateca com o cineasta, autor fundamental do cinema contemporâneo, cuja obra temos seguido de perto desde 1985, quando foram exibidos vários filmes seus, e que aqui acompanhou uma retrospetiva integral, já em 2013, regressando em 2016 para apresentar precisamente EL SOL DEL MEMBRILLO.









Quinta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SHINING

Shining

de Stanley Kubrick
com Jack Nicholson, Shelley Duvall, Danny Lloyd, Scatman Crothers, Barry Nelson

Estados Unidos, 1980 – 142 min
egendado eletronicamente em português | M/16

A partir de um romance de Stephen King, Kubrick encenou uma das mais eficazes fábulas de horror: um escritor em crise de inspiração aceita o lugar de zelador de um hotel numa montanha, encerrado durante o inverno, e para lá se desloca com a mulher e o filho. Aí vai ser alvo de alucinações que o levam à loucura assassina virando-se contra a própria família. O riso de Jack Nicholson e da sua personagem tresloucada tornaram-se lendários, arquétipo do "horror que ri".

Segunda-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL ÁNGEL EXTERMINADOR

O Anjo Exterminador

de Luis Buñuel
com Claudio Brook, Enrique Rambal, Jacqueline Andere, Silvia Pinal

México, Espanha, 1962 – 92 min
legendado em português | M/12

"A melhor explicação para EL ÁNGEL EXTERMINADOR é que, racionalmente, não tem nenhuma". Assim "explica" Luis Buñuel a sua obra-prima e o penúltimo filme que dirigiu no México, fábula feroz sobre a burguesia presa dos seus conceitos, preconceitos e ideias feitas, onde um grupo de pessoas é misteriosamente impedido de sair de um jantar.

abril

Segunda-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES

de Manoel de Oliveira
com Manoel de Oliveira, Maria Isabel Oliveira, Urbano Tavares Rodrigues, Teresa Madruga, Diogo Dória

Portugal, 1982 – 68 min | M/12

Realizado no início dos anos 1980 para ser visto como filme póstumo, VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES levou Manoel de Oliveira a filmar a casa da Rua Vilarinha, no Porto, projetada pelo arquiteto José Porto, que fez construir e foi a sua casa de família desde que se casou, em 1940, e durante cerca de quatro décadas mas foi forçado a vender (a "casa da Vilarinha" viria a ser classificada imóvel de interesse público, também pela sua histórica ligação ao modernismo português e pela singularidade como obra arquitetónica, a que estiveram ligados, além de José Porto, Viana de Lima e Cassiano Branco). Entre os momentos associados à vida nessa casa está a reconstituição







da detenção de Oliveira pela PIDE, em 1963, altura em que conheceu o escritor Urbano Tavares Rodrigues. Na obra de Oliveira, é o filme seguinte a FRANCISCA, a partir de um argumento próprio com texto de Agustina Bessa-Luís, fotografia de Elso Roque, som de Joaquim Pinto e montagem coassinada com Ana Luísa Guimarães. VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES é um filme autobiográfico, de "memórias e confissões", facto que esteve na origem da vontade do realizador em mantê-lo inédito durante o seu tempo de vida. "Uma casa é uma relação íntima, pessoal, onde se encontram as raízes", "a meu pedido, a Agustina fez um texto, muito bonito, a que chamou Visita. E eu acrescentei-lhe algumas reflexões sobre a casa e sobre a minha vida" (Manoel de Oliveira).

Terça-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

F FOR FAKE
de Orson Welles
com Orson Welles, Oja Kodar, Elmyr de Hory, Clifford Irving, Joseph Cotten

França, Irão, 1974 – 88 min / legendado em espanhol | M/12

F FOR FAKE é um dos mais insólitos filmes de Orson Welles, fabulosa incursão no mundo da ilusão, da fraude e da mentira. Welles prestidigitador, mestre de magia, traz até nós a presença de falsificadores célebres, na pintura (Elmyr de Hory) e na escrita (Clifford Irving, autor de uma falsa autobiografia de Howard Hughes) e mostra como o cinema é a arte suprema dessas ilusões. Particularmente o seu. É um filme parcialmente feito "em casa".

Quarta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CEUX DE CHEZ NOUS
de Sacha Guitry

França, 1914-15/1939/1952 - 43 min

ITALIANAMERICAN
de Martin Scorsese
com Catherine, Charles e Martin Scorsese

Estados Unidos, 1974 – 45 min
legendado em eletronicamente em português | M/12

Filho de Lucien Guitry, Sacha cresceu no ambiente da aristocracia cultural francesa. CEUX DE CHEZ NOUS ("Os Lá de Casa"), o seu primeiro contacto com o cinema (que ele desprezou durante décadas, e a que só se dedicou a partir dos anos 30), nasceu da vontade do jovem de Guitry de registar as visitas famosas da casa paterna: Sarah Bernhardt, Edgar Degas, Octave Mirbeau, Auguste Renoir, Auguste Rodin, e etc..., num mostruário da elite artístico-cultural francesa do princípio do século XX (e para vários desses vultos, são as únicas imagens filmadas de que há registo). Filmado nos anos 1910, só se tornou mais acessível a partir de 1952, quando Guitry o remontou e lhe acrescentou um comentário em "off" (é esta versão, a "definitiva", a que vamos ver). Também é "a casa dos pais" que se vê em ITALIANAMERICAN, filme de família ancorado num almoço de Martin com o pai e a mãe Scorsese. Entre outras coisas, é um retrato vivo da imigração italiana em Nova Iorque, e da vida em Little Italy. A receita das almôndegas que Catherine Scorsese prepara para a refeição tornou-se objeto de culto, um belo cruzamento gastronómico-cinéfilo.

Quinta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD SUBJECT)

de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville

Grã-Bretanha, 1986 - 48 min

JLG/JLG

JLG por JLG

de Jean-Luc Godard
com Jean-Luc Godard, Geneviève Pasquier

França, Suíça, 1994 – 55 min / legendado em português | M/12

SOFT AND HARD é também um diálogo – entre Godard e a sua companheira Anne-Marie Miéville – onde aos temas do cinema e da televisão se acrescentam os da criação artística e das relações amorosas. Em JLG/JLG, "Auto-retrato em Dezembro", Godard encena a sua própria solidão, a partir do local escolhido para o seu exílio voluntário: a sua casa na Suíça, nas margens do lago Leman. Trata-se de um trabalho de uma beleza assombrosa, feito de uma tristeza pontualmente cortada por assomos luminosos e marcada por uma inquietante lucidez.

Quinta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina
Quarta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

QUE LE DIABLE NOUS EMPORTE

Que o Diabo nos Carregue

de Jean-Claude Brisseau
com Fabienne Babe, Isabelle Prim

França, 2018 – 97 min / legendado em português | M/16

O filme final de Brisseau, talvez em plena consciência disso. Outra vez rodado, com um mínimo de meios, em casa do próprio autor, é um filme que retoma os temas (e o imaginário) do cinema de Brisseau (de CHOSES SECRÈTES em diante mas também o anterior, por exemplo o de CÉLINE) para o enformar duma gravidade desconcertante, com remissões a Bresson e a Pushkin, que vive paredes meias com a sua própria irrisão. Um bom resumo para a sua obra, afinal: inclassificável, sofisticada, habitante duma críptica ambiguidade. A exibir em cópia digital.

Sexta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

TRYING TO KISS THE MOON

de Stephen Dwoskin

Estados Unidos, 1994 – 95 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Como sempre, Stephen Dwoskin filma a partir dos limites da sua própria mobilidade (vítima da poliomielite em criança, passou a vida dependente de uma cadeira de rodas), e essa escala é determinante. Mas TRYING TO KISS THE MOON alia o auto-retrato à auto-biografia, montando imagens colhidas por Dwoskin no seu quotidiano com os "home movies" que o seus pais filmaram em Nova Iorque, em 1939 (precisamente, o sítio e o ano do nascimento de Dwoskin).

Sábado [11] 16h00 | Sala Luís de Pina

LOST, LOST, LOST

de Jonas Mekas

Estados Unidos, 1976 – 176 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O diário filmado com o qual o lituano Jonas Mekas (1922-2019) documenta os anos 1949-1963 conta as histórias de desapego e pertença que acompanharam a sua chegada aos EUA, e a vida de exílio que aí levou, ao lado do irmão Adolfas, integrando-se na comunidade artística da baixa de Nova Iorque das décadas de 1950 e 60. "Lido, nestas seis bobines, com um período de desespero, de tentativas desesperadas para lançar raízes em terra nova, de construir novas memórias. Nestas dolorosas









seis bobines tentei sinalizar qual é a sensação de alguém no exílio, tal como a senti nesses anos. Descrevem o estado de espírito de uma Pessoa Deslocada que ainda não esqueceu o seu país de origem, mas que ainda não conquistou um novo país. A sexta bobine é uma bobine de transição em que começamos a ver alguma descontração, em que eu comecei a vislumbrar momentos de felicidade. A nova vida começa..." (Jonas Mekas).

Sábado [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [18] 16h00 | Sala Luís de Pina

NO HOME MOVIE
de Chantal Akerman

Bélgica, França, 2015 – 115 min
legendado eletronicamente em português | M/12

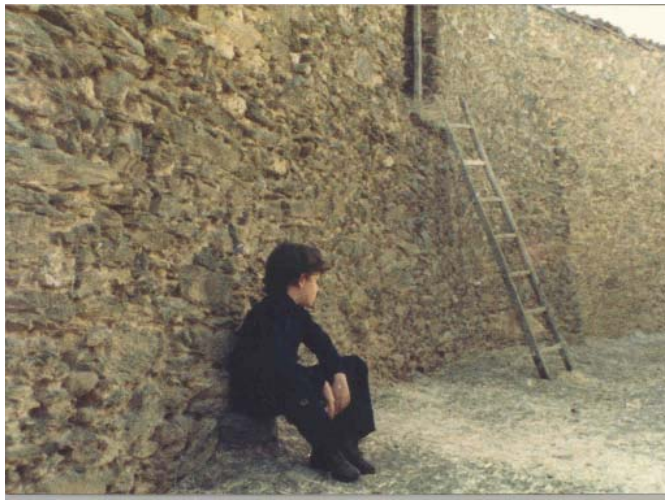
A casa da mãe: de uma profunda delicadeza e generosidade, NO HOME MOVIE é simultaneamente um diário, um aceno, uma despedida, uma visita repleta de entrelinhas confessionais. "Este filme é acima de tudo sobre a minha mãe, a minha mãe que já não se encontra entre nós. Sobre essa mulher que chegou à Bélgica em 1938, em fuga da Polónia, dos pogroms e da violência. Essa mulher que é sempre apenas vista dentro do seu apartamento. Um apartamento em Bruxelas. Um filme acerca de um mundo em movimento que a minha mãe não vê." Belíssimo, NO HOME MOVIE seria o último filme de Chantal Akerman, que afirmou que a mãe, Natalia, era o centro da sua obra.

Terça-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANA
de António Reis, Margarida Cordeiro
com Ana Maria Martins Guerra, Manuel Ramalho Eanes, Octávio Lixa Filgueiras

Portugal, 1982 – 114 min | M/12







Passado e presente, realidade e mito, trabalho e tradições, formam uma teia singular no mais belo e "puro" filme de António Reis e Margarida Martins Cordeiro, e sintetizam uma visão do mundo, de que a terra de Trás-os-Montes parece ser o centro, onde a personagem de Ana representa o equilíbrio cósmico, uma mulher que é "um pouco mais do que uma avó e um pouco menos do que um símbolo" (Serge Daney). Cópia restaurada e ampliada para o formato 35mm.

Quinta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MARX PUÒ ASPETTARE
Marx Pode Esperar

de Marco Bellocchio
com Marco Bellocchio, Alberto Bellocchio, Pier Giorgio Bellocchio

Itália, 2021 – 96 min / legendo em português | M/12

O mais impressionante dos muitos e impressionantes reflexos autobiográficos na obra do inesgotável Marco Bellocchio. MARX PUÓ ASPETTARE é uma reunião da "casa Bellocchio", uma série de conversas entre o realizador e os seus irmãos e irmãs sobre um tema abissal, um "buraco" dentro da família: o suicídio de Camillo, irmão gémeo de Marco, em 1968. Como num pequeno CITIZEN KANE, o mosaico de recordações e testemunhos tenta responder às perguntas cruciais: quem era Camillo, realmente? Por que se matou? Porque é que ninguém percebeu a tempo o que se passava com ele? O título vem da última frase que Marco Bellocchio se recorda de ter ouvido ao seu irmão, nesse ano "revolucionário" de 1968. Primeira exibição na Cinemateca.

Maio

Segunda-feira [11] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

REMEMBER MY NAME

Recorda o meu Nome

de Alan Rudolph
com Geraldine Chaplin, Anthony Perkins, Berry Berenson, Jeff Goldblum

Estados Unidos, 1978 – 94 min
legendado em sueco e eletronicamente em português | M/12

Antigo assistente de Robert Altman (em LONG GOODBYE ou NASHVILLE), que lhe produziu o filme, Alan Rudolph teve em REMEMBER MY NAME um primeiro ponto alto de atenção, abrindo caminho para aqueles filmes da década de 80 (CHOOSE ME, TROUBLE IN MIND) que fizeram dele um dos mais singulares cineastas desse período. Com um humor sibilino, próximo de Altman (aquela câmara sempre atenta ao espaço em volta) mas também de alguns "modernos" europeus (pensa-se em Rivette, pelo gosto da divagação, e pelo recorte da protagonista), conta a história de uma ex-presidiária (Geraldine Chaplin) que vem "reclamar" o antigo marido, entretanto casado com outra mulher. A casa desse casal (Anthony Perkins e Berry Berenson), espionada, assediada, invadida por Geraldine, torna-se o centro do filme. Primeira exibição na Cinemateca, a apresentar em cópia 35mm.

Segunda-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina
Sábado [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

LOOS ORNAMENTAL

de Heinz Emigholz

Áustria, 2008 – 72 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O alemão Heinz Emigholz é o grande cineasta contemporâneo da arquitectura e do urbanismo, temas que fazem o fulcro de uma obra vasta e já com muitos anos de trabalho (Emigholz começou a filmar no princípio da década de 1970). Em LOOS ORNAMENTAL, centrado no trabalho do arquiteto modernista Adolf Loos (que defendia uma arquitectura sem ornamentação), Emigholz explora vinte e sete edifícios, ainda sobreviventes, projectados por Loos nas primeiras décadas do século XX. A exibir em cópia 35mm.

Terça-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

TOKYO MONOGATARI

Viagem a Tóquio

de Yasujiro Ozu
com Chishu Ryu, Chieko Higashiyama, Setsuko Hara

Japão, 1953 – 136 min / legendado em português | M/12

Este foi o filme através do qual os espectadores ocidentais descobriram tardiamente o cinema de Ozu, em meados dos anos 70. Um casal idoso vai visitar os filhos em Tóquio, mas estes não têm tempo para lhes dar atenção. Este é o pretexto para Ozu abordar o tema central do seu cinema na fase final da sua obra, a dissolução de uma família, a separação dos membros que a compõem, a resignação diante daquilo que muda. Um momento sublime de cinema, um cineasta no apogeu da sua arte.
A apresentar em cópia digital.







Terça-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TRE PIANI

Três Andares

de Nanni Moretti
com Margherita Buy, Nanni Moretti, Alessandro Sperduti

Itália, 2021 – 119 min / legendado em português | M/12

Um daqueles filmes de Moretti que deixam desconcertados os adeptos do realizador, por corresponder muito pouco, ou mesmo nada, à ideia mais expandida sobre o que é ou deve ser "um filme de Nanni Moretti". TRE PIANI é um mergulho em cheio na narrativa "convencional" e popular, um pouco romanesca até (trata-se da adaptação de um "best seller"), que segue um conjunto de personagens, todas habitantes do mesmo prédio romano, e os acontecimentos – alguns trágicos, violentos – que acabam por interligar toda a gente. Sentiu-se falta do "morettianismo" mais saliente, mas é um belo filme, cheio de ressonâncias e entrelinhas a liga-lo, discretamente, a alguns temas de sempre do autor italiano. Primeira exibição na Cinemateca

Quarta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta -feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIKE SOMEONE IN LOVE

Like Someone in Love

de Abbas Kiarostami
com Rin Takanashi, Tadashi Okuno, Ryo Kase

França, Japão, 2012 – 109 min / legendado em português | M/12

"Uma jovem mulher e um velho encontram-se em Tóquio. Ela não sabe nada sobre ele, ele pensa que a conhece. Ele recebe-a em sua casa e ela oferece-lhe o seu corpo. Mas a teia que se tece nas vinte e quatro horas seguintes supera as circunstâncias







do seu encontro." Assim reza a sinopse de LIKE SOMEONE IN LOVE, o último filme de Kiarostami, rodado no Japão, com atores japoneses, em que um velho professor cantarola Che Sera, Sera (*Whatever Will Be, Will Be*) e cujo título é o da canção composta em 1944 por Jimmy van Heusen e Johnny Burke (ouvida no filme na interpretação de Ella Fitzgerald): *Like Someone in Love*. "É melhor dizer que somos como alguém que está apaixonado do que afirmar que estamos apaixonados. A morte e o nascimento são definitivos, o amor não passa de uma ilusão. Neste filme temos quatro pessoas que lembram pessoas apaixonadas" (Abbas Kiarostami).

Quarta-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina
Terça-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HARD TRUTHS

Verdades Difíceis

de Mike Leigh
com Marianne Jean-Baptiste, Michele Austin, Tuwayne Barrett

Reino Unido, 2024 – 97 min / legendado em português | M/12

O mais recente filme de Mike Leigh lembra-nos de que ele é, se calhar antes de tudo o mais, um cineasta do reduto doméstico, da intimidade familiar, onde abundam segredos, mentiras, e verdades duras. Ou seja: um cineasta da casa, e das casas. E a casa é particularmente importante em HARD TRUTHS, símbolo de uma mobilidade social que esbarra no subúrbio, mantida sempre num brinquinho pela obsessão maníaca pela limpeza da protagonista (uma Marianne Jean-Baptiste em absoluto estado de graça), e um lugar de silêncio, por trás dos vidros duplos que a isolam do exterior. Primeira exibição na Cinemateca.









Quinta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ROSEMARY'S BABY

A Semente do Diabo

de Roman Polanski
com Mia Farrow, John Cassavetes, Ruth Gordon, Sidney Blackmer

Estados Unidos, 1968 – 135 min
legendado em castelhano e eletronicamente em português | M/16

Uma das obras mais influentes do cinema americano dos anos sessenta. Praticamente, todo o cinema demoníaco que a partir da década seguinte se vulgarizou nasce com este primeiro filme feito por Polanski nos Estados Unidos e ambientado no famoso edifício Dakota em Nova Iorque. Mia Farrow é a jovem portadora da "semente do diabo", vendida pelo marido em troca de sucesso na carreira. Ruth Gordon, antiga argumentista de Cukor que se tornaria popular como coprotagonista de HAROLD AND MAUDE, ganhou o Óscar como melhor atriz secundária. Um dos pontos altos da obra de Polanski. A exibir em cópia 35mm.

Quinta-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina
Segunda-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES MAISONS DE LA MISÈRE

de Henri Storck

Bélgica, 1936 - 30 min
legendado eletronicamente em português

KILLER OF SHEEP

de Charles Burnett
com Henry Gayle Sanders, Kaycee Moore, Charles Bracy, Angela Burnett

Estados Unidos, 1977 – 83 min
legendado eletronicamente em português

Duração total da projeção: 113 min | M/12

LES MAISONS DE LA MISÈRE é um dos filmes socialmente mais contundentes de Henri Storck: um olhar sobre as casas de um bairro operário num subúrbio de grande cidade, denunciando a falta de condições sanitárias, a sobrepopulação, etc. Um testemunho muito áspero das grandes clivagens sociais na Bélgica de meados da década de 1930. KILLER OF SHEEP é um caso de atribulações e de culto: realizado como filme de final de curso na UCLA, a primeira longa-metragem de Burnett foi rodada perto da sua casa de família no bairro de Watts, gueto negro de Los Angeles, em vários fins de semana, com um elenco maioritariamente amador e um pequeno orçamento. O quotidiano de uma família cujo pai trabalha num matadouro e sofre de depressão foi filmado num preto e branco ganuloso e câmara à mão. Questões de direitos musicais comprometeram a visibilidade inicial do filme, mas em 1981 recebeu o prémio da crítica do Festival de Berlim e, 30 anos depois de ter sido realizado, foi restaurado pela UCLA e recuperado.

Quinta-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [25] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TOMMASO

Tommaso

de Abel Ferrara
com Willem Dafoe, Cristina Chiriac, Anna Ferrara

Itália, Reino Unido, Estados Unidos, Grécia – 115 min
legendado em português | M/14

Em meados da década passada, Abel Ferrara mudou-se para Roma e começou a fazer "filmes italianos". TOMMASO é possivelmente o mais pessoal, e confessional, destes filmes da fase italiana de Ferrara. Foi rodado em sua casa, tem Willem Dafoe num papel que é uma projeção do próprio Ferrara, e tudo participa nesse jogo de reflexos e projeções (um jogo um pouco autopunitivo, como Ferrara tem tendência a ser) que expõe, mais máscara menos máscara, o reduto íntimo do realizador. Primeira exibição na Cinemateca.

Sexta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

ROTER HIMMEL

Céu em Chamas

de Christian Petzold
com Thomas Schubert, Paula Beer, Langston Uibel

Alemanha, 2023 – 103 min / legendado em português | M/12

Talvez o mais enigmático filme de um realizador que aposta cada vez mais nos enigmas, nos subentendidos, nos não-ditos e nas elipses. Um grupo de personagens numa casa de campo, perto da costa do norte da Alemanha, incêndios nas proximidades como uma iminência de um apocalipse muito à John Carpenter, conversas sobre livros e literatura, manobras de sedução e de contra-sedução – e o *Céu* fica *em Chamas*. Primeira exibição na Cinemateca.

Sexta-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TWO LOVERS

Duplo Amor

de James Gray
com Joaquin Phoenix, Gwyneth Paltrow, Isabella Rossellini, Vinessa Shaw

Estados Unidos, 2008 – 110 min / legendado em português | M/12

O primeiro filme em que James Gray abordou diretamente o melodrama, despido de componentes de tipo policial, embora como de costume na obra do cineasta o ambiente continuasse a ser o das comunidades imigrantes de origem russa na zona de Nova Iorque. Vagamente inspirado nas NOTTI BIANCHE de Visconti, TWO LOVERS conta a história de um homem dividido entre duas mulheres e duas promessas de vida completamente diferentes. "Os filmes de James Gray, no seu pensamento como na sua expressão, são obras clássicas que reinventam a nossa conceção do classicismo. São, portanto, inteiramente modernos. Com autores como ele, o cinema não morrerá" (Jean Douchet). A apresentar em cópia 35mm.

Terça-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TAB

Lá em Cima

de Hong Sang-soo
com Kwon Hae-hyo, Lee Hye-yeong, Song Seon-mi

República da Coreia, 2022 – 97 min
legendado em português | M/12

É o filme mais recente de Hong Sang-soo com estreia comercial em Portugal, mas entretanto, com o seu ritmo estonteante, ele já estreou mais seis longas-metragens (e uma curta...). Neste ponto, o cinema do coreano é pura depuração e refinamento de um método de trabalho que se tornou ele próprio num método de "escrita" cinematográfica. Os filmes mais leves alternam com os mais graves, e LÁ EM CIMA, que até foi filmado num preto e branco frio como o inverno coreano, pertence à ala dos mais graves. Também é o mais vertical numa obra que tende para os filmes horizontais: tudo se passa através dos vários andares do mesmo prédio, entre residentes e visitantes. Primeira exibição na Cinemateca.

Quinta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

DVORYANSKOE GNEZDO

"Um Ninho de Nobreza"

de Andrei Konchalovsky
com Irina Kupchenko, Leonid Kulagin, Beata Tyszkiewicz

URSS, 1969 – 111 min
legendado em finlandês e eletronicamente em português | M/12

A terceira longa-metragem de Andrei Konchalovsky, adaptando uma história de Turguenev, sobre o















regresso de um aristocrata à sua propriedade, depois de uma estadia de 11 anos em Paris. Mais do que a descrição dos costumes e mentalidades da aristocracia russa do século XIX, o que conta em DVORYANSKOE GNEZDO é articulação disso com o espaço, muito material, da casa que serve de cenário: um sítio invadido pela natureza, muito musgo e muita humidade, como se aí se pudessem encontrar propriedades metafóricas da própria condição aristocrática. Primeira exibição na Cinemateca.

Quinta-feira [21] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TVA MÄNNISKOR

"Dois Seres"

de Carl Th. Dreyer
com Wanda Rothgard, Georg Ryderberg, Gabriel Alw

Suécia, 1944 – 78 min
legendado em francês e eletronicamente em português | M/12

Entre janeiro e março de 1983, a Cinemateca organizou um vasto "Panorama do Cinema Dinamarquês", dividido em três partes: cinema mudo, a obra integral de Carl Th. Dreyer e cinema contemporâneo. Este Ciclo foi acompanhado pelo catálogo mais original entre os muitos que publicou a Cinemateca: um pacote lacrado, que uma vez aberto não podia mais ser fechado, verdadeiro objeto de arte concebido por Carlos Nogueira. Entre os muitos filmes do mestre dinamarquês então totalmente desconhecidos em Portugal revelados naquele Ciclo, TVA MÄNNISKOR foi um dos que mais se destacou. Toda a ação tem lugar num só quarto, em que um jovem é acusado de ter plagiado o trabalho de um velho professor. João Lopes comentou à época: "O filme revela um Dreyer profundamente moderno, particularmente atento àquilo que no teatro pode ser fonte de cinema e abertura inesperada de novos modos de significação".

Sexta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

RUSSKIJ KOVCHEG

"A Arca Russa"

de Alexander Sokurov
com Sergei Dontsov, Maria Kuznetsova, Leonid Mozgovoi

Rússia, Alemanha, 2002 – 99 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Uma proeza técnica que cumpriu finalmente (e graças ao avanço da tecnologia vídeo) sem necessidade de batota o velho sonho de Hitchcock em ROPE: um filme de hora e meia feito de um, e apenas um, plano sequência, sem qualquer corte. Através dos corredores, escadarias e galerias do Hermitage, a câmara de Sokurov percorre vários tempos da história russa numa formidável coreografia.

Sábado [23] 16h00 | Sala Luís de Pina

ESTA É A MINHA CASA

de João Pedro Rodrigues

Portugal, 1997 – 51 min

A VOSSA CASA

de João Mário Grilo

Portugal, 2012 – 56 min

Duração total da projeção: 107 min | M/12

A distância e a separação. João Pedro Rodrigues filma a viagem de férias de uma família de emigrantes, os Fundo, de Paris até à sua terra natal, em Trás-os-Montes. Imagens do quotidiano do casal em Paris – ele é sapateiro, ela é porteira – alternam com registos da jornada que fazem de carro pelas autoestradas, e momentos vividos no decurso das férias. ESTA É A MINHA CASA é a primeira parte de um díptico dedicado a esta família e que seria completado, no ano seguinte, com VIAGEM À EXPO. Com A VOSSA CASA, João Mário Grilo fez o







seu primeiro documentário sobre arquitetos, neste caso centrado na figura e na obra de Raul Lino. Mais tarde, com A VOSSA TERRA (sobre o arquiteto paisagístico Gonçalo Ribeiro Telles), Grilo criou também uma espécie de díptico. Portanto, uma sessão que reúne duas primeiras partes de dípticos, mas, mais importante ainda, que junta "a minha casa" e "a vossa casa". Primeira apresentação de A VOSSA CASA na Cinemateca.

Sábado [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

AQUARIUS

de Kleber Mendonça Filho
com Sonia Braga, Maeve Jinkings, Irandhir Santos

Brasil, 2016 – 146 min | M/16

Kleber Mendonça Filho vive agora, com o sucesso de O AGENTE SECRETO, um momento de consagração mundial, mas houve uma caminhada para chegar aí e AQUARIUS foi, nela, um episódio fundamental. Como sempre, trata-se de filmar o Recife, terra natal do realizador, e de registar os choques cronológicos a partir das alterações na paisagem da cidade. Eis-nos então perante um prédio de apartamentos com vista para o mar, progressivamente adquirido por um fundo imobiliário. Mas há um problema: a proprietária de um dos andares recusa-se a vender. Sonia Braga, nessa personagem, é absolutamente fenomenal, e é um dos grandes papéis de toda a sua extensa carreira. Primeira exibição na Cinemateca.

Terça-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

GREY GARDENS

de David Maysles, Albert Maysles, Ellen Hovde, Muffie Meyer
com Edith "Big Edie" Ewing Bouvier Beale, Edith "Little Edie" Ewing Bouvier Beale, Norman Vincent Peale

Estados Unidos, 1976 – 94 min / legendado em português | M/12

Sessão de dia 26 seguida de conversa, em colaboração com a Associação de Apoio aos Doentes Depressivos e Bipolares

Retrato do quotidiano da excêntrica parelha formada por uma mãe e uma filha com o mesmo nome, "Big" e "Little Edie" Bouvier Beale, de origem aristocrata mas condição financeira miserável, moradoras numa mansão decadente num bairro rico de East Hampton, Nova Iorque. GREY GARDENS é um dos títulos da importante obra documental de David e Albert Maysles (aqui, em colaboração com Ellen Hovde e Muffie Meyer), despertados para a existência de Grey Gardens por uma notícia de jornal que descrevia as condições de vida miseráveis de duas primas de Jacqueline Kennedy. Especialmente centrado na relação entre as duas mulheres, foi polémico quando estreou, merecendo críticas severas aos irmãos Maysles, acusados de explorar as suas protagonistas e subverter os princípios do "direct cinema". A exibir em cópia 35mm.

Quinta-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OSSOS

de Pedro Costa
com Nuno Vaz, Maria Lipkina, Isabel Ruth

Portugal, 1997 – 94 min | M/12

A terceira longa-metragem de Pedro Costa centra-se em personagens que habitam o então existente Bairro das Fontaínhas nos arredores de Lisboa.

"Muito mais do que uma estocada na má consciência burguesa, OSSOS é um filme que a transforma numa parada de 'zombies', de 'mortos em licença' e o bairro é, aqui, todo o mundo" (Luís Miguel Oliveira).

Sexta-feira [29] 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HEMMET

"Casa"

de Solveig Nordlund

Suécia, 1982 – 7 min

SCENER UR ETT AKTENSKAP

Cenas da Vida Conjugal

de Ingmar Bergman
com Liv Ullmann, Erland Josephson, Bibi Andersson

Suécia, 1973 – 172 min / legendado em português

Duração total da projeção: 179 min | M/12

Montagem para a distribuição cinematográfica de uma série de televisão em seis episódios, que descreve, com muitos reflexos autobiográficos, os conflitos, separações e reencontros de um casal. O casamento apresenta-se, à partida, sólido, em contraste com o de um casal amigo, que se desagrega. Mas de súbito, aparece uma falha e o conflito desenvolve-se velozmente. Uma constatação clínica até à crueldade do fracasso das relações. A apresentar em cópia digital. A abrir a sessão, uma curta-metragem de Solveig Nordlund centrada na aldeia sueca da sua infância.



Sábado [30] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O TRIO EM MI BEMOL

de Rita Azevedo Gomes
com Rita Durão, Pierre Léon, Ado Arrieta, Olivia Cábez

Portugal, 2022 – 127 min | M/12

Rita Azevedo Gomes filma uma peça teatral de Eric Rohmer (a única que ele escreveu) sobre os sucessivos encontros de um homem e de uma mulher que foram um casal e entretanto se divorciaram. Fica-se próximo da comédia (do "recasamento") mas o tom está sempre a oscilar entre a leveza e a gravidade, que também são a leveza e a gravidade do magnífico par protagonista, Rita Durão e Pierre Léon. É, de resto, muito musical (um grande momento de "Mozart no cinema"), mas também muito "espacial", porque é como um levantamento do seu cenário único, uma casa minhota desenhada por Álvaro Siza. Primeira apresentação na Cinemateca.



calendário março

Terça-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

REBECCA
de Alfred Hitchcock
Estados Unidos, 1940

Terça-feira [03] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SECRET BEYOND THE DOOR
de Fritz Lang
Estados Unidos, 1948

Quarta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

PO ZAKONU
de Lev Kulechov
URSS, 1926
Dia 04 com acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva

Quarta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA BANDE DES QUATRE
de Jacques Rivette
França, 198

Quinta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MON ONCLE
de Jacques Tati
França, 1956

Quinta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PARTY
de Blake Edwards
Estados Unidos, 1968

Sexta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ONE A.M.
de Charles Chaplin
Estados Unidos, 1917

THE ELECTRIC HOUSE
de Buster Keaton e Edward F. Cline
Estados Unidos, 1922

SAUTE MA VILLE
de Chantal Akerman
Bélgica, 1968

Sexta-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DOM NA TRUBNOI
de Boris Barnet
URSS, 1928
Dia 27 com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo

Segunda-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JALSAGHAR
de Satyajit Ray
Índia, 1959 – 98 min

abril

Segunda-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JOHNNY GUITAR
de Nicholas Ray
Estados Unidos, 1954

Terça-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

IL BACIO DI TOSCA
de Daniel Schmid
Suíça, 1984

Quarta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

AGATHA OU LES LECTURES ILIMITÉS
de Marguerite Duras
França, 1981

Quarta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina
Sábado [21] 16h00 | Sala Luís de Pina

DU CÔTÉ D'OROUËT
de Jacques Rozier
França, 1969

Sexta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LADIES' MAN
de Jerry Lewis
Estados Unidos, 1961

Sexta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE SERVANT
de Joseph Losey
Reino Unido, 1963

Segunda-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE MÉPRIS
de Jean-Luc Godard
França, Itália, 1963

Terça-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LOST HIGHWAY
de David Lynch
Estados Unidos, França, 1997

Quarta-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL SOL DEL MEMBRILLO
de Víctor Erice
Espanha, 1992

Quinta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SHINING
de Stanley Kubrick
Estados Unidos, 1980

Segunda-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL ÁNGEL EXTERMINADOR
de Luis Buñuel
México, Espanha, 1962

Segunda-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES
de Manoel de Oliveira
Portugal, 1982

Terça-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

F FOR FAKE
de Orson Welles
França, Irão, 1974

Quarta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CEUX DE CHEZ NOUS
de Sacha Guitry
França, 1914-15/1939/1952

ITALIANAMERICAN
de Martin Scorsese
Estados Unidos, 1974

Quinta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD SUBJECT)
de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville
Grã-Bretanha, 1986

JLG/JLG
de Jean-Luc Godard
França, Suíça, 1994

Quinta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina
Quarta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

QUE LE DIABLE NOUS EMPORTE
de Jean-Claude Brisseau
França, 2018

Sexta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

TRYING TO KISS THE MOON
de Stephen Dwoskin
Estados Unidos, 1994

Sábado [11] 16h00 | Sala Luís de Pina

LOST, LOST, LOST
de Jonas Mekas
Estados Unidos, 1976

Sábado [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sábado [18] 16h00 | Sala Luís de Pina

NO HOME MOVIE
de Chantal Akerman
Bélgica, França, 2015

Terça-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANA
de António Reis, Margarida Cordeiro
Portugal, 1982

Quinta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MARX PUÒ ASPETTARE
de Marco Bellocchio
Itália, 2021

maio

Segunda-feira [11] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

REMEMBER MY NAME
de Alan Rudolph
Estados Unidos, 1978

Segunda-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina
Sábado [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

LOOS ORNAMENTAL
de Heinz Emigholz
Áustria, 2008

Terça-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

TOKYO MONOGATARI
de Yasujiro Ozu
Japão, 1953

Terça-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TRE PIANI
de Nanni Moretti
Itália, 202

Quarta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta -feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIKE SOMEONE IN LOVE
de Abbas Kiarostami
França, Japão, 2012

Quarta-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina
Terça-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HARD TRUTHS
de Mike Leigh
Reino Unido, 2024

Quinta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ROSEMARY'S BABY
de Roman Polanski
Estados Unidos, 1968

Quinta-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina
Segunda-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES MAISONS DE LA MISÈRE
de Henri Storck
Bélgica, 1936

KILLER OF SHEEP
de Charles Burnett
Estados Unidos, 1977

Quinta-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [25] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TOMMASO
de Abel Ferrara
Itália, Reino Unido, Estados Unidos, Grécia, 2019

Sexta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

ROTER HIMMEL
de Christian Petzold
Alemanha, 2023 – 103 min / legendado em português | M/12

Sexta-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TWO LOVERS
de James Gray
Estados Unidos, 2008

Terça-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quinta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TAB
de Hong Sang-soo
República da Coreia, 2022

Quinta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Sexta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

DVORYANSKOE GNEZDO
de Andrei Konchalovsky
URSS, 1969

Quinta-feira [21] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TVA MÄNNISKOR
de Carl Th. Dreyer
Suécia, 1944

Sexta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

RUSSKIJ KOVCHEG
de Alexander Sokurov
Rússia, Alemanha, 2002

Sábado [23] 16h00 | Sala Luís de Pina

ESTA É A MINHA CASA
de João Pedro Rodrigues
Portugal, 1997

A VOSSA CASA
de João Mário Grilo
Portugal, 2012

Sábado [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

AQUARIUS
de Kleber Mendonça Filho
Brasil, 2016

Terça-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

GREY GARDENS
de David Maysles, Albert Maysles, Ellen Hovde, Muffie Meyer
Estados Unidos, 1976

Quinta-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OSSOS
de Pedro Costa
Portugal, 1997

Sexta-feira [29] 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HEMMET
de Solveig Nordlund
Suécia, 1982

SCENER UR ETT AKTENSKAP
de Ingmar Bergman
Suécia, 1973

Sábado [30] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O TRIO EM MI BEMOL
de Rita Azevedo Gomes
Portugal, 2022